



RELISE

## **CONTRIBUIÇÕES DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL PARA A COMUNIDADE SURDA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO<sup>1</sup>**

### *CONTRIBUTIONS OF SOCIAL ENTREPRENEURSHIP TO THE DEAF COMMUNITY: AN EXPLORATORY STUDY*

*Leiliane Trindade de Almeida do Monte<sup>2</sup>*

*Maria Rita Pereira Moura<sup>3</sup>*

*Judson Rangell Rodrigues do Monte<sup>4</sup>*

#### **RESUMO**

As estatísticas oficiais do Brasil revelam que mais de 10 milhões de pessoas possuem deficiência auditiva. Desse total, 2,7 milhões possuem surdez profunda. Apesar dos diferentes instrumentos legais que visam promover a inclusão desses indivíduos, na prática, ainda há muitos obstáculos a serem superados. Esse cenário torna-se propício para o empreendedorismo social, cuja missão é melhorar a qualidade de vida de pessoas ou grupos em vulnerabilidade. Este trabalho tem como objetivo geral estudar sobre o empreendedorismo social voltado para a comunidade surda, de modo a destacar ações no cenário nacional que tenham contribuído para fomentar a inclusão social desse grupo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, exploratória, de natureza básica, que incluiu as obras de Idalberto Chiavenato (2012), José Dornelas (2016), Marco Antônio Ramos (2017), Diego Alex Gazaro dos Santos (2017), Roselaine Monteiro Moraes (2019), Roberta Naianny Bezerra de Medeiros (2021), entre outros. Os resultados evidenciam que os empreendimentos sociais voltados para pessoas surdas ainda são poucos e têm em comum a finalidade de expandir a Libras. As iniciativas no âmbito do empreendedorismo social têm contribuído para o empoderamento desses indivíduos e o estabelecimento de uma comunicação mais efetiva entre a sociedade e os surdos.

**Palavras-chave:** empreendedorismo social, comunidade surda, inclusão.

---

<sup>1</sup> Recebido em 29/01/2022. Aprovado em 20/02/2022.

<sup>2</sup> Instituto Federal do Maranhão. leilianealmeida.leiliane@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Maranhão. mariaritareis007@gmail.com

<sup>4</sup> Faculdade do Vale do Itapecuru. judsonrangell@gmail.com



RELISE

107

## ABSTRACT

The official statistics of Brazil reveal that more than 10 million people have hearing loss. Of this total, 2.7 million have profoundly deaf. Although of the various legal instruments that aim to promote the inclusion of those people, in practice, there are still a lot of obstacles to be overcome. That scenario becomes propitious to social entrepreneurship, whose mission is improving the life quality of the people or groups in vulnerability. This work has as general objective to study the social entrepreneurship targeted to the deaf community, in a way that highlights the actions in the national scenario that have contributed to fostering the social inclusion of this group. For this purpose, it was realized bibliographic research, qualitative, exploratory, of basic nature, that includes works of Idalberto Chiavenato (2012), José Dornelas (2016), Marco Antônio Ramos (2017), Diego Alex Gazaro dos Santos (2017), Roselaine Monteiro Moraes (2019), Roberta Naianny Bezerra de Medeiros (2021), and more. The results show that the social entrepreneurship aimed to the deaf people is still few and has in common the purpose of expanding the Brazilian Sign Language (Libras). The actions in the realm of social entrepreneurship have contributed to the empowerment of those people and the establishment of communication more effective between the society and the deaf.

**Keywords:** social entrepreneurship, deaf community, inclusion.

## INTRODUÇÃO

Estima-se que no Brasil haja 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, dos quais 2,3 milhões possuem deficiência severa (MEDEIROS, 2021). Esses dados evidenciam o grande espaço para o empreendedorismo social voltado para a comunidade surda, considerando que as políticas públicas para essa população não conseguem assisti-la totalmente.

A surdez, definida como a ausência ou perda total da capacidade auditiva, afeta profundamente a vida social do indivíduo, que necessita de atendimento especializado em todas as áreas. Nesse sentido, o empreendedorismo social, enquanto fenômeno capaz de promover mudanças na sociedade, apresenta-se como um mecanismo de geração de valor para a comunidade surda.



RELISE

108

Apesar do número crescente de pesquisas nos últimos anos sobre empreendedorismo social, estudos voltados para segmentos específicos ainda não têm sido totalmente explorados. Em razão disso, este trabalho visa responder aos seguintes questionamentos: Quais as contribuições do empreendedorismo social para a comunidade surda? Que iniciativas no contexto do empreendedorismo social possuem como pauta as pessoas surdas?

Diante do problema suscitado, a hipótese levantada foi: as ações no campo do empreendedorismo social voltadas para indivíduos surdos são, principalmente, de caráter digital.

O objetivo geral deste trabalho é estudar sobre o empreendedorismo social voltado para a comunidade surda, de modo a destacar ações no cenário nacional que tenham contribuído para fomentar a inclusão social desse grupo. Como objetivos elencou-se: apresentar os conceitos referentes ao empreendedorismo, conforme a literatura; mostrar como o empreendedorismo social pode contribuir para a inclusão de pessoas surdas; e apontar algumas iniciativas no Brasil voltadas para pessoas surdas, que se enquadram na modalidade de empreendedorismo social.

A baixa quantidade de publicações sobre a temática, viabilizou a elaboração desta pesquisa. Esta lacuna acadêmica mostra uma oportunidade de contribuir com a temática em nível nacional ao apresentar soluções que têm como foco promover a inclusão social de indivíduos historicamente vulneráveis. Espera-se que as reflexões aqui iniciadas possam chamar a atenção de pesquisadores de outras áreas e proporcionar *insights* importantes de soluções acerca do assunto.

Para o desenvolvimento do tema, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza básica. Além disso, é um estudo exploratório que tem como finalidade fornecer mais informações a respeito do problema investigado. O marco teórico remonta às obras de Idalberto



RELISE

109

Chiavenato (2012), José Dornelas (2016), Marco Antônio Ramos (2017), Diego Alex Gazaro dos Santos (2017), Roselaine Monteiro Moraes (2019), Roberta Naianny Bezerra de Medeiros (2021), entre outros.

O trabalho está dividido em seções. Inicialmente, apresenta-se a introdução contendo os respectivos elementos: tema e delimitação, problema de pesquisa, hipótese, objetivos e justificativa. A primeira seção abrange a fundamentação teórica e discorre sobre o empreendedorismo, os tipos de empreendedores, empreendedorismo social e finaliza com o empreendedorismo social voltado para pessoas surdas. A segunda seção compreende a metodologia utilizada no trabalho. A terceira seção evidencia a análise dos dados a partir da apresentação de algumas iniciativas no campo do empreendedorismo social elaboradas para pessoas surdas. Na última seção, mostra-se as considerações finais, com um resumo do estudo, os objetivos, os principais resultados e possibilidades de investigações futuras.

## **EMPREENDEDORISMO**

Sem dúvidas, o empreendedorismo ganhou forças nos últimos anos, no entanto, o empreendedorismo é intrínseco à história da humanidade ao considerar que a evolução da humanidade requereu novas ideias que possibilitaram as transformações sociais. Todavia, apenas no século XVII o termo foi empregado no sentido de assumir riscos sobre investimentos. Apesar das diferentes abordagens, ainda não há um conceito único, mas é possível encontrar características comuns em todas elas. Nesta seção, apresenta-se um breve histórico do empreendedorismo, bem como algumas concepções sobre o termo, além disso, comenta-se sobre os tipos de empreendedor, em destaque para o empreendedorismo social.



RELISE

110

### *Lacônica análise quanto ao histórico e conceito do empreendedorismo*

O termo “empreendedorismo” tem origem francesa e os primeiros esboços que tratam sobre o tema remetem ao século XVII. Ao longo dos anos é possível observar variações nesse conceito, mas no geral, sempre esteve ligado à ideia de inovação.

Atribui-se ao economista francês Richard Cantillon o pioneirismo quanto à utilização do termo empreendedorismo, o qual utilizou a palavra *entrepreneur* para referir-se aos empresários que assumiam riscos em seus investimentos. No século XIX, o economista Jean-Baptiste Say publicou alguns escritos, que dispunham sobre a estreita relação entre desenvolvimento econômico e empreendedorismo. Já na metade da primeira década de 1900, o sociólogo e historiador Max Weber escreveu que as motivações para o empreendedorismo superavam o aspecto unicamente lucrativo, mas também possuíam relação com a satisfação de gerar o desenvolvimento econômico e social (MORAES, 2019).

Mas foi com o economista austríaco Joseph Schumpeter, em 1928, ao fazer a relação entre empreendedorismo e inovação, que o termo ganhou notoriedade. Segundo Schumpeter, o ato de empreender estava ligado a uma nova maneira de utilizar os recursos e o empreendedorismo é o fator que contribui para o progresso da tecnologia e inovação, responsáveis pelo desenvolvimento de uma nação (RAMOS, 2017).

Cantillon, Say e Schumpeter formam a primeira abordagem do empreendedorismo, que compreende o viés econômico, ou seja, o empreendedorismo é visto como uma função que tem como resultado o desenvolvimento econômico. A segunda abordagem é formada pelos behavioristas (comportamentalistas), isto é, psicanalistas, psicólogos, sociólogos e outros estudiosos do comportamento humano, que relaciona o empreendedorismo à motivação.



RELISE

Faz parte dessa segunda abordagem, o pensamento de David McClelland, que em 1960 estabeleceu o elo entre crescimento econômico e realização pessoal, em sua obra *The Achieving Society* (1961) (RAMOS, 2017). Outro pensador que pertence a essa abordagem é Everett E. Hagen, com a obra *On the theory of social change* (1962), na qual defende que pessoas criadas e que vivem em um meio de escassez são mais propensas a se tornarem empreendedoras quando comparadas àquelas que não pertencem a essas minorias (CHIAVENATO, 2012).

Na década de 1980, o estudo de Gartner (1988) deu mais enfoque à prática empreendedora em oposição aos traços de personalidade defendidos por McClelland (MORAES, 2019). Outro teórico que trouxe importantes contribuições foi Peter Drucker, considerado o pai da Administração Moderna e responsável por conceber o empreendedorismo numa abordagem gerencial (RAMOS, 2017). A nível de Brasil, o primeiro curso de empreendedorismo data de 1980, nascido na Faculdade Getúlio Vargas, por iniciativa do professor Ronald Jean Degen (SANTOS, 2017).

Apesar de várias definições, o conceito de empreendedorismo ainda apresenta lacunas e dificuldade de consenso entre pesquisadores. As concepções sobre o conceito dividem-se em duas vertentes:

[...] alguns pesquisadores tratam o empreendedorismo de maneira mais ampla, sendo um fenômeno; outros buscam restabelecer o empreendedorismo como um campo de pesquisa, levando em conta os contextos cultural e social, criando uma relação de proximidade com o mundo real, partindo de uma estrutura mais consistente sobre ciências humanas e sociais (MORAES, 2019, p. 29).

Como é possível perceber, o empreendedorismo é um conceito amplo e que dialoga com diferentes áreas do conhecimento. Sendo assim, uma única definição pode não ser suficiente para abranger a complexidade do assunto. O que se pode entender é que trata-se de um tema interdisciplinar, visto que há empreendedorismo em diferentes setores sociais.



RELISE

112

O conceito de empreendedor proposto por Schumpeter é de alguém que “destrói” a ordem econômica vigente pela inserção de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organizar ou ainda, por formas de explorar novos recursos e materiais. Aqui prevalece a ideia de algo novo, inovador, seja um produto, serviço, processo ou recursos.

Na visão de Chiavenato (2012, p. 7), o empreendedor é alguém capaz de “fazer as coisas acontecerem” devido à sua inclinação para os negócios, habilidade financeira e capacidade de avaliar as oportunidades. Essas características materializam as ideias e contribuem para o benefício pessoal e coletivo. Desse modo, são características do empreendedor a criatividade, a imaginação e a perseverança, os quais em conjunto transformam ideias simples em algo concreto.

Ramos (2017, p. 21) adota a abordagem do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (2014) e a definição de Baron e Shane (2007), os quais entendem que o empreendedorismo é a habilidade de avistar oportunidades para criação de novos produtos ou serviços, bem como “possibilidades de progresso de um novo mercado, utilizando um novo recurso para andamento de diferentes meios de produção”.

Seja qual for a definição, o empreendedorismo sempre abrangerá três aspectos principais, conforme esclarece Dornelas (2016), são eles: iniciativa para criação de um negócio e paixão pelo que faz; aproveitamento dos recursos de forma criativa, promovendo mudanças sociais e econômicas no ambiente; avocar para si riscos calculados e possibilidades de fracasso. Dessa forma, na concepção de Dornelas (2016), o empreendedorismo é concebido como um processo que envolve a criação de algo novo.



RELISE

113

### *Tipos de empreendedor*

Como visto, não há unanimidade no conceito de empreendedorismo, tampouco uma única tipologia de empreendedor. Entretanto, diversos teóricos sugerem a existência de oito tipos comumente identificados: empreendedor nato, empreendedor inesperado, empreendedor serial, empreendedor corporativo, empreendedor social, empreendedor por necessidade, empreendedor herdeiro e empreendedor normal.

Contudo, Santos (2017) comenta que há apenas quatro tipos de empreendedor, são eles: o empreendedor individual, o intra-empendedor, o empreendedor coletivo e o empreendedor social. Nessa mesma linha de raciocínio, Moraes (2019) explica que os tipos de empreendedor são: intra-empendedor, empreendedor institucional, empreendedor social, empreendedor sustentável e empreendedor tecnológico.

O empreendedor nato, também chamado de mitológico, como o próprio nome sugere, é alguém que nasce com o talento para a criação de negócios, são indivíduos visionários e otimistas que, em regra, possuem muita habilidade para negociação e vendas. Já o empreendedor inesperado ou que aprende, é aquele que, inesperadamente, teve uma oportunidade e tomou a decisão de abraçá-la e dedicar-se ao próprio negócio (OLIVEIRA; VALDISSER, 2019).

O empreendedor serial, ou aquele que cria novos negócios, é o indivíduo movido pelo ato de empreender, que não se contenta com a estabilidade, mas é dinâmico e está sempre em busca de novos desafios. O empreendedor corporativo ou intra-empendedor é o indivíduo que inova dentro do ambiente da empresa em que trabalha. O empreendedor social é aquele que tem como finalidade a filantropia, criando projetos que se voltem para um grupo de pessoas necessitadas. O empreendedor por necessidade é alguém que empreende porque essa é a única alternativa de que dispõe, seja pela falta de oportunidade no mercado de trabalho ou demissão. O empreendedor herdeiro tem como



RELISE

objetivo levar adiante o legado da família nas chamadas empresas familiares, presentes nas estruturas econômicas de todos os países. Por fim, o empreendedor normal ou planejado, é aquele que segue à risca o planejamento e possui uma visão definida do futuro (OLIVEIRA; VALDISSER, 2019).

O empreendedor coletivo é aquele que forma uma associação em prol de um objetivo (empreendimento) comum (SANTOS, 2017). O empreendedorismo institucional é uma ação coletiva que busca a resolução de problemas a partir de novas práticas institucionais. O empreendedorismo sustentável abrange o tripé da sustentabilidade, isto é, o desenvolvimento econômico, social e ambiental e explora as oportunidades que existem nas falhas de mercado em termos dos impactos ambientais causados. O empreendedorismo tecnológico reúne os aspectos do empreendedorismo e da inovação tecnológica, voltado para a criação de novos produtos (MORAES, 2019).

Observa-se que os tipos de empreendedores não seguem uma única classificação e que sua definição está relacionada com os motivos que os levam a empreender. Mas algo comum em quase todos os tipos é que o empreendedorismo é uma habilidade possível de ser aprendida.

Conforme Oliveira e Valdisser (2019), qualquer pessoa pode ser empreendedora, no entanto alguns fatores influenciam nesse processo, tais como fatores pessoais, sociológicos, organizacionais e ambientais (DORNELAS, 2016). Nesse viés, o empreendedor é um “ser social”, fruto do meio em que vive, sendo o ambiente responsável por influenciar a ação empreendedora, ou seja, o perfil do empreendedor varia de um lugar para o outro. Não obstante, existem pessoas, lugares mais empreendedores (ou menos) do que outros (DOLABELA, 1999).

Assinalados tais conceitos introdutórios, é possível apresentar algumas noções sobre o empreendedorismo social, pilar fundamental para a discussão



RELISE

acerca do empreendedorismo voltado para pessoas surdas. Desse modo, o próximo tópico destina-se a conceituar esse tipo de empreendedorismo.

### *Empreendedorismo social*

O empreendedorismo social é um termo recente, que surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos, utilizado para designar atividades comerciais voltadas para as classes sociais menos favorecidas. A concepção norte-americana considera que o empreendedorismo social é uma forma de criar empreendimentos que tenham a finalidade de beneficiar a sociedade, podendo ter fins lucrativos, assim como funcionarem sem finalidade lucrativa ou ainda, atuar de modo híbrido, isto é, com e sem fins lucrativos. Seja qual for a consequência do resultado financeiro, o propósito deverá ser sempre o mesmo: defender uma causa social. O empreendedorismo social também abriga em si as inovações metodológicas, serviços e produtos objetivando proporcionar melhorias na sociedade (MORAES, 2019).

Em que pese ser um termo relativamente recente, Aoqui (2016) explica que a ideia de negócios sociais não é atual e foi alavancada por Muhammad Yunus, fundador do banco de microcrédito Grameen Bank, em 1976, localizado em Bangladesh. Contudo, somente a partir do século XXI, esses negócios foram expandidos, a partir da criação de instituições de fomentos a negócios sociais, tais como a NESst (1996), a Aspen Network of Development Entrepreneurs (ANDE, 2009) e o Yunus Social Business (2011). No cenário nacional destaca-se a criação da Artemisia, em 2004.

Ainda não há uma definição clara e específica do que seria empreendedorismo social. Embora os estudos sobre o tema estejam em ascensão, as construções teóricas acerca do conceito ainda não estão totalmente elucidadas (BARBALHO; UCHOA, 2018; OLIVEIRA *et al*, 2020).



RELISE

De acordo com Itelvino *et al* (2018), o empreendedor social pode ser considerado um agente de mudança, pois a inovação de produtos e serviços por ele criados contribuem para a melhoria da qualidade de vida de pessoas em situação de vulnerabilidade social. Os parâmetros para mensuração do sucesso de empreendedores sociais são diretamente proporcionais aos impactos que a materialização de suas ideias causam na sociedade, logo, quanto maior a transformação, mais exitoso é o empreendimento.

É possível depreender que o empreendedorismo social visa a geração de valor social e ofertar dignidade humana a quem encontra-se marginalizado. Em um país como o Brasil, em que as ações estatais são insuficientes para atender a população, o empreendedorismo social reveste-se de significância, pois consegue criar soluções para problemas existentes.

Nessa perspectiva, Oliveira *et al* (2020, p. 135) explicam que:

[...] o objetivo do empreendedorismo social é sempre transformar a realidade de comunidades pobres, melhorando a qualidade de vida das populações, em vários aspectos: saúde, alimentação, moradia, geração de trabalho e renda, lazer, recreação, cultura, etc [...].

Em suma, o empreendedorismo social se insere em diferentes contextos com a finalidade de atender demandas de populações desamparadas pelo Estado, ao mesmo tempo em que promove qualidade de vida. Conforme já mencionado, um empreendimento social pode ou não ter fins lucrativos, diferente das Organizações não Governamentais (ONGs) que necessitam de apoio financeiro de terceiros, os empreendimentos sociais são autossustentáveis.

De acordo com a Yunus Negócios Sociais (2021), os produtos ou serviços criados por esse tipo de ação são responsáveis por gerar receitas, cobrir custos operacionais e manter a empresa em funcionamento. Mesmo tendo cunho social, esse tipo de empreendimento quando bem administrado, pode solucionar o problema que o originou e ser rentável. Assim, os lucros auferidos servem para reinvestir no próprio negócio.



RELISE

117

## METODOLOGIA

Nesta seção expõe-se os procedimentos metodológicos utilizados no trabalho. Para tanto, adotou-se a classificação de pesquisa utilizada por Prodanov e Freitas (2012), os quais categorizam os estudos segundo a natureza da investigação, objetivos, procedimentos técnicos empregados e abordagem do problema.

Considerando os aspectos supramencionados, esta pesquisa configura-se, segundo a natureza, como pesquisa básica, visto que sua finalidade foi gerar conhecimentos novos sem aplicação prática prevista. Do ponto de vista dos objetivos, é pesquisa exploratória, uma vez que buscou proporcionar mais informações sobre o objeto de estudo investigado. De acordo com os procedimentos técnicos, é pesquisa bibliográfica, pois foi elaborada com base em material já publicado, sobretudo: livros, monografias, dissertações, manuais e boletins, artigos científicos publicados em periódicos e dados de sítios eletrônicos. Em relação à abordagem do problema, classifica-se como pesquisa qualitativa, haja vista que é pautada na subjetividade do objeto de estudo.

A base bibliográfica do trabalho compreende as obras de Idalberto Chiavenato (2012), José Dornelas (2016), Marco Antônio Ramos (2017), Diego Alex Gazaro dos Santos (2017), Roselaine Monteiro Moraes (2019), Roberta Naianny Bezerra de Medeiros (2021), entre outros teóricos que foram fundamentais para a discussão do assunto.

A pesquisa foi dividida em etapas: o primeiro passo foi a escolha da temática, a partir de várias leituras sobre o cenário da inclusão social no Brasil, que levaram a inquietações sobre a correlação com o empreendedorismo social. Posteriormente, foi elaborada a questão de pesquisa e hipótese do estudo, seguida da definição dos objetivos. A seguir, realizou-se a busca pelo material em bases de dados e *sites* oficiais, tais como: *Scientific Library Online* (SCIELO),



RELISE

118

SCOPUS, Base Nacional de Teses e Dissertações (BDTD), Google Acadêmico, IBGE, OMS, *Global Entrepreneurship Global* (GEM), dentre outros. Para a busca nas bases de dados empregou-se as palavras-chave: “Empreendedorismo Social e Pessoas com Deficiência”, “Empreendedorismo social e Deficiência Auditiva”, “Empreendedorismo Social e Comunidade Surda”, “Empreendedorismo social para pessoas surdas”. Após a leitura dos trabalhos, foram definidas as categorias a serem trabalhadas no estudo, organizando-se os autores conforme o assunto.

## **CONTRIBUIÇÕES DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL PARA A COMUNIDADE SURDA**

Desde a antiguidade os surdos sempre estiveram à margem social. Na Grécia e Roma antigas, por exemplo, os surdos não eram considerados humanos e por essa razão, tinham vários direitos sociais violados.

Na Idade Média, a Igreja Católica foi responsável por fomentar a discriminação de pessoas com deficiência, ao pregarem que o homem é a imagem e semelhança de Deus. Assim, quem não estava nesse padrão era marginalizado. Foi nesse período que surgiram as primeiras tentativas de educação aos surdos, em decorrência mais de questões financeiras, uma vez que muitos desses indivíduos pertenciam à nobreza. À essa primeira tentativa chama-se fase preceptorial, em que os monges, responsáveis pelos livros sagrados, foram convidados a se tornarem preceptores dos surdos (HONORA; FRIZANCO, 2009).

Na Idade Moderna, os primeiros educadores de surdos começaram a surgir no século XVI. Dentre eles, destacam-se Girolamo Cardano, o qual tinha um filho surdo; ele defendia que a surdez não impedia pessoas surdas de receberem educação. Outro educador foi Pedro Ponce de Leon, um monge beneditino que utilizava sinais rudimentares para se comunicar. Em 1620, o



RELISE

119

padre Juan Pablo Bonet criou o primeiro tratado de ensino de surdos-mudos, iniciando com a escrita sistemática do alfabeto. De forma geral, o século XVI representou um grande avanço, devido à compreensão de que a ideia não dependia da audição das palavras. Já o século XVII, caracteriza-se pelo grande interesse dos estudiosos pela educação dos surdos, motivados pelo retorno financeiro que a prática desempenhava. Mas foi no século XVIII que houve maior avanço na educação dos Surdos, com a fundação de escolas para surdos, além disso, a Língua de Sinais evoluiu, sendo essa um importante mecanismo para que os surdos pudessem aprender e exercer profissões (HONORA; FRIZANCO, 2009; FERNANDES; REIS, 2020).

Na Idade Contemporânea, os trabalhos do médico Jean Marc-Itard se dedicavam a entender as causas da surdez. Após muitos estudos, ele constatou que de fato, o surdo só pode ser educado por meio da Língua de Sinais. Ao assumir a gestão do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, o barão de Gérando, substituiu professores surdos por professores ouvintes, com vistas à oralização, pois ele acreditava que os surdos enquadravam-se na categoria de selvagens. Nos EUA, a educação de surdos teve mais dificuldades para se desenvolver do que na Europa. Em 1816, após estágio no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, Gallaudet convidou Clerc, um professor surdo, para fundarem a primeira escola de surdos daquele país. Em 1864 foi fundada a primeira faculdade para surdos, em Washington. Somente em 1869 o Oralismo foi instituído, perdurando como a principal forma de educação dos surdos nos 80 anos seguintes.

O I Congresso Internacional de Surdos-Mudos ocorreu em Paris no ano de 1878, oportunidade em que instituiu-se a articulação com leitura labial e uso de gestos consistia como a melhor forma de educação nas séries iniciais. Porém, em 1880, no II Congresso Mundial de Surdos-Mudos em Milão, definiu-se que o melhor método para educação de surdos seria o oral puro, abolindo, dessa



RELISE

120

forma, a Língua de Sinais da educação dos surdos. A partir desse ponto, tal método foi adotado em vários países da Europa (HONORA; FRIZANCO, 2009).

Contudo, esse método revelou-se falho, pois durante os 80 anos no qual durou, os surdos passavam pela escolarização e saíam com poucos avanços. Nessa época, aqueles que não se adequavam ao Oralismo, eram considerados como retardados. Ademais, não havia diferenciação entre os graus de surdez. O uso de sinais só voltou a ser aceito no ano de 1970, em que combinava-se a linguagem oral e sinalizada ao mesmo tempo, método conhecido como Comunicação Total. Atualmente, em escolas que trabalham com alunos surdos, emprega-se o Bilinguismo (HONORA; FRIZANCO, 2009; FERNANDES; REIS, 2020).

Ao analisar a história do surdo observa-se uma grande dificuldade da sociedade em estabelecer uma comunicação com esse grupo. As decisões não consideravam as opiniões do surdo, em geral sendo tomadas por outras pessoas. Nesse contexto, conforme elucida Monteiro (2021), os movimentos sociais tiveram uma importante participação na luta contra a invisibilidade, que propiciou a garantia de muitos direitos.

Na atualidade, a Organização Mundial de Saúde (OMS) esclarece que mais de 430 milhões de pessoas ao redor do globo possuem perda auditiva incapacitante, a maior parte desses indivíduos moram em países de baixa e média renda, onde há falta de políticas, escassez de recursos humanos e materiais. A perda auditiva afeta, principalmente, a capacidade de comunicação social e impacta no desenvolvimento humano, acarretando outros problemas que atravessam diferentes áreas, como saúde, educação (OMS, 2021).

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há 10 milhões de pessoas surdas, o equivalente a 5% da população nacional. Desse total, 2,7 milhões possuem surdez profunda. É importante fazer uma diferenciação entre surdez e deficiência auditiva. De acordo com os critérios



RELISE

121

da OMS, o deficiente auditivo é aquele que possui uma redução na capacidade de ouvir em ambos os ouvidos ou em apenas um. Para a comunicação, essas pessoas utilizam a oralidade e aparelhos ou implantes cocleares, além disso, a deficiência auditiva varia de leve a severa. Já a surdez é definida como a ausência ou perda total da capacidade de ouvir, que pode afetar um ou ambos os ouvidos.

Alguns instrumentos legais no Brasil têm como finalidade promover a inclusão social de pessoas surdas e oferecer atendimento adequado às suas necessidades no campo da saúde, educação e outros. A exemplo, tem-se a edição da recente Lei nº 13.146 de 2015, que institui o estatuto da pessoa com deficiência; a Lei nº 10.436 de 2002, a qual reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação dos surdos. Contudo, mesmo diante da legislação, ainda há grandes obstáculos a serem superados.

Medeiros (2021) aponta problemas como os altos índices de desemprego enfrentados pela comunidade surda no país e o fato de a Libras ainda não encontrar-se totalmente difundida entre a sociedade brasileira. Nas escolas, a inclusão de alunos surdos é um outro grande desafio, devido à falta de recursos humanos capacitados e interesse dos órgãos competentes para tornar a Libras conhecida.

Esses e outros condicionantes são responsáveis por impossibilitar a comunicação de pessoas surdas. É importante ressaltar que os surdos também são capazes de se organizarem politicamente e conviverem com a diversidade, expressar opiniões, sentimentos, vontades, trabalharem, dentre outras coisas. Diante da lacuna para a inclusão da comunidade surda, o empreendedorismo social apresenta-se como uma resposta para as deficiências do Estado em suprir suas necessidades.

Aoqui (2016), em sua dissertação de mestrado, aponta que é o ambiente desfavorável que favorece o empreendedorismo social, isto é, as disparidades



RELISE

122

sociais tornam-se “oportunidades de negócio”. Nesse sentido, o empreendedorismo social é um elemento propulsor para a criação de uma sociedade sustentável e é responsável por aproximar os setores privado, público e o terceiro setor, promovendo a colaboração entre eles.

Para Vasconcelos (2018, p. 3), “o empreendedorismo social pode ser de grande relevância nesse contexto, visto que ele procura aliar ações e projetos inovadores com a realidade social de um determinado local”. Dessa maneira, o empreendedorismo social pode exercer um papel importante na integração entre a comunidade surda e a sociedade em geral, e contribuir para diminuição das desigualdades sociais.

#### *Ações empreendedoras voltadas para a comunidade surda no Brasil*

O empreendedorismo social no Brasil está em expansão, no entanto, quando se trata da comunidade surda ainda há poucos exemplos de empreendimentos sociais, pois como bem esclarece Aouqui (2016), os negócios sociais representam uma parcela mínima do total de empresas privadas.

Durante a pesquisa bibliográfica, foi constatada a escassez de trabalhos nessa perspectiva. Com base no que foi levantado, optou-se por destacar três iniciativas que se inserem no bojo dessa temática, são eles: o aplicativo *Hand Talk*, a plataforma Surdo para surdo e o Projeto Caleidoscópio.

O aplicativo *Hand Talk* talvez seja a ação mais conhecida no âmbito do empreendedorismo social voltado para a comunidade surda, com larga aplicação, sobretudo em trabalhos da área educacional.

O *Hand Talk*<sup>5</sup> iniciou no ano de 2008, quando seu criador, o empresário Ronaldo Tenório teve a ideia de unir empreendedorismo, comunicação e tecnologia durante um projeto da faculdade. Entretanto, somente em 2012 o

---

<sup>5</sup> HAND TALK. Disponível em: <https://www.handtalk.me/br>. Acesso em: 22 jan. 2022.



RELISE

123

projeto foi materializado, quando Ronaldo juntamente com outros dois amigos, Carlos Wanderlan (Analista de Sistemas) e Thadeu Luz (Arquiteto especialista em 3D), apresentaram a solução de um desafio de *startups*. O aplicativo possui um *avatar* em 3D, denominado Hugo que realiza a tradução em tempo real de texto e voz para Libras e ASL (Língua Americanas de Sinais) (HAND TALK, 2021).

Durante sua trajetória, a ferramenta recebeu várias premiações internacionais e nacionais, incluindo o prêmio de melhor aplicativo social do mundo no *World Summit Award*, evento realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), onde concorreram cerca de 15 mil aplicativos. Nacionalmente, a empresa *Hand Talk* recebeu os prêmios de Projeto mais Inovador do Brasil no Salão da Inovação (2012); Empreendedor social (2014); Empreendedores Sociais de Futuro pelo Folha de São Paulo (2016) e vários outros.

As funcionalidades do *Hand Talk*, permitiram o desenvolvimento de diversas pesquisas, como a dissertação de Paschuini (2015), que utilizou o aplicativo para a inclusão de alunos surdos da Educação de Jovens e Adultos (EJA); Amazonas (2019) também fez uso da ferramenta para auxiliar no ensino-aprendizagem das figuras geométricas planas em Libras. Recentemente, o trabalho de Silva (2021) fez o comparativo entre o *Hand Talk* e o VLibras, apontando suas semelhanças e divergências. Além disso, há outros estudos mostrando a inserção do *Hand Talk* em áreas como a saúde. O estudo de Moura e Leal (2019), por exemplo, objetivou promover o ensino de Libras para acadêmicos dos cursos de saúde e profissionais de saúde. Isso evidencia a grande aplicabilidade desse recurso em diferentes contextos, cuja finalidade é favorecer a inclusão da comunidade surdas em vários ambientes.



RELISE

Outra iniciativa no campo do empreendedorismo social, é a plataforma Surdo para Surdo<sup>6</sup>, criada em 2017 pela empreendedora Fernanda Martins, especialista em educação bilíngue para surdos. Fernanda é filha de pais surdos e a Libras foi sua primeira língua. A plataforma foi criada com o propósito de ajudar na educação da comunidade surda, dispõe de tecnologias que auxiliam no aprendizado e aulas particulares *online* com tutores surdos. Dentre as tecnologias empregadas estão a Gamificação, *Chatbots*, Inteligência Artificial, Realidade Virtual e Realidade Aumentada. Em 2018, a plataforma foi selecionada para participar do BrazilLAB, programa de aceleração para *startups*. Durante cinco meses, os selecionados receberam mentorias para melhorar seus planos de negócios e estiveram em contato com investidores e outras empresas do segmento de tecnologia.

Um ponto em comum entre a Hand Talk e a Surdo para surdo, é que ambas passaram por programas de aceleração para *startups*, que visam agilizar o crescimento de negócios. Além disso, os dois empreendimentos mantêm em seus sítios eletrônicos diversos artigos sobre inclusão e os desafios da comunidade surda, com a finalidade de justificar a relevância do assunto e sensibilizar a sociedade em geral que a acessibilidade é uma importante oportunidade de negócio.

O terceiro empreendimento social apontado, é o projeto Caleidoscópio do time Enactus da Universidade Federal do Ceará (UFC), apresentado no trabalho de Ricardo *et al* (2019). O empreendimento tem como objetivo trabalhar o empoderamento entre a comunidade surda, atuando em duas linhas: a primeira, trabalha o empreendedorismo com Associação dos Surdos Organizados de Fortaleza (ASOF); a outra, difundindo a causa das pessoas surdas e o conhecimento em Libras entre crianças em idade escolar da rede

---

<sup>6</sup> SURDO PARA SURDO. Disponível em: <https://surdoparasurdo.com.br/>. Acesso em: 22 jan. 2022.



RELISE

125

pública de ensino, por meio do Gestus, um Recurso Educativo Digital (RED) que utiliza a ludicidade e a interação para narrar a história de um personagem (Jonas) que aprende Libras com sua irmã surda (Marina) a fim de melhorar a comunicação com ela.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho objetivou estudar sobre o empreendedorismo social voltado para a comunidade surda, destacando alguns exemplos presentes no cenário nacional. Como foi visto, a comunidade surda no Brasil é expressiva e nem sempre dispõe de amparo estatal, apesar das políticas públicas em diferentes áreas. Esse fator favorece o desenvolvimento do empreendedorismo social, cuja missão é melhorar a qualidade de vida das pessoas em situação de vulnerabilidade.

Em conformidade com o exposto, ressalta-se que o problema de pesquisa foi respondido, pois a literatura é enfática em afirmar que o empreendedorismo social exerce importante papel na economia e no bem-estar ao produzir mudanças na realidade de pessoas ou grupos marginalizados, a exemplo da comunidade surda, cujas iniciativas têm contribuído para o empoderamento desses indivíduos e o estabelecimento de uma comunicação mais efetiva. A respeito da hipótese levantada, com base nos três empreendimentos sociais apresentados, observa-se que todos eles têm caráter digital, evidenciando que a inovação tem sido balizadora da tecnologia e fomentado o surgimento de vários negócios.

O próprio conceito de empreendedorismo, compreendido como fenômeno de disrupção ou destruição de uma ordem econômica ao inserir novos serviços e produtos, sugere a possibilidade de explorar campos ainda pouco assistidos. Em que pese os estudos sobre a temática estarem em constante evolução, a pesquisa bibliográfica realizada permitiu constatar os hiatos



RELISE

126

referentes a interdisciplinaridade entre as duas áreas. As impressões que se teve ao realizar o estudo apontam para o fato de que o empreendedorismo ainda é um assunto quase que exclusivo das áreas de Administração, Gestão, Marketing e afins, sendo pouco abordado por outros campos do saber. No entanto, como foi mencionado, o empreendedorismo se insere em todos os contextos possíveis, pois a habilidade empreendedora pode ser desenvolvida por qualquer pessoa.

Por fim, conclui-se que este assunto ainda não se encontra totalmente elucidado e indica a necessidade de realizar um estudo mais abrangente apoiado em uma pesquisa de campo. Considera-se que a reflexão aqui iniciada seja propulsora de novos debates sobre negócios, acessibilidade e inclusão social.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS, E. M. **O uso do aplicativo Hand Talk como auxílio no ensino-aprendizagem das figuras geométricas planas em libras**. 2019. 67 f. Monografia (Licenciatura em Computação) – Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara, Universidade do Estado do Amazonas, 2019.

AOQUI, C. **O movimento do empreendedorismo social no Brasil sob a luz do Prêmio Empreendedor Social**. 2016. 250 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARBALHO, A.; UCHOA, C. V. Empreendedorismo social como campo em formação no Brasil: o papel das instituições Ashoka, Endeavor e Artemisia. **Interações**, Campo Grande, v. 20, p. 421-433, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/dWf4jkLhxPpgqvTxcHhvPNr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2012. 315 p.

DOLABELA, F. **O segredo de Luíza**. São Paulo: Cultura, 1999. 304 p.



RELISE

127

DORNELAS, J. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 6. ed. São Paulo: Empreende/Atlas, 2016. 217 p.

FERNANDES, J. M.; REIS, I. F. A história da educação de surdos: uma relação com os aspectos da semiótica de Peirce. **Revista Educação Especial em Debate**, [s.l.], v. 5, n. 9, p. 21-37, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/reed/article/view/31594>. Acesso em: 21 jan. 2022.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro ilustrado de língua brasileira de sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

MEDEIROS, R. N. B. **Uma breve história dos movimentos sociais de surdos do Brasil da década de oitenta aos dias atuais**: desafios e resistências por visibilidade. 2021. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras-EAD) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Patos, 2021.

MORAES, R. M. **Educação empreendedora no ensino fundamental**: uma investigação sobre o Programa de Educação Empreendedora Sebrae – Jovens Empreendedores Primeiros Passos – JÉPP em Pejuçara, RS. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Educacional) - Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2019.

MOURA, C. M. A. B.; LEAL, M. E. A. Libras na Saúde: Ensino da Língua Brasileira de Sinais para Acadêmicos e Profissionais da Saúde. **Revista Práticas em Extensão**, São Luís, v. 3, n. 1, p. 02-07, 2019. Disponível em: <http://45.71.6.41/index.php/praticasemextesao/article/download/1987/1454>. Acesso em: 22 jan. 2021.

OLIVEIRA, G. J.; VALDISSER, C. R. Análise de perfil: as principais características e os tipos de empreendedor verificados no gestor da CB distribuição. **GETEC**, [s.l.], 2019, v. 8, n. 20, p. 1-22. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/getec/article/viewFile/1610/1074>. Acesso em: 05 jan. 2022.

OLIVEIRA, L. M. S. R. et al. Empreendedorismo social no Brasil. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 10, n. 22, p. 132-148, 2020. Disponível em:



RELISE

128

<https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1306>. Acesso em: 21 jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Lançamento do Relatório Mundial sobre Audição**. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/events/detail/2021/03/03/default-calendar/launch-of-the-world-report-on-hearing>. Acesso em: 21 jan. 2022.

O QUE é um negócio social? **Yunus Negócios Sociais**, 2021. Disponível em: <https://www.yunusnegociossociais.com.br/o-que-um-negocio-social->. Acesso em: 21 jan. 2022.

PASCHUINI, E. A. **A infoinclusão de alunos surdos na educação de jovens e adultos utilizando o aplicativo Hand Talk em sala de aula**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2015.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p.

RAMOS, M. A. **O fomento ao empreendedorismo para deficientes no estado de São Paulo**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Administração das Micro e Pequenas empresas) – Faculdade Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, 2017.

RICARDO, A. D. S. et al. Projeto caleidoscópico: o empreendedorismo social aliado ao empoderamento da comunidade surda. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL, 4., 2019, Fortaleza. **Anais** [...], Fortaleza: ENACTUS, 2019. p. 1-7. Disponível em: <http://brazil.enactusglobal.org/wp-content/uploads/sites/2/2019/09/PROJETO-CALEIDOSC%C3%93PIO-O-EMPREENDEDORISMO-SOCIAL-ALIADO-AO-EMPODERAMENTO-DACOMUNIDADE-SURDA.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SANTOS, D. A. G. **A influência do ecossistema de empreendedorismo no comportamento de empreendedores**. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, J. F. S. **Uma análise comparativa entre os aplicativos de tradução da língua portuguesa para a libras Hand Talk e Vlibras**. 2021. 31 f. Trabalho de



RELISE

129

Conclusão de Curso (Especialização em Libras) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, 2021.

VASCONCELOS, L. C. A comunidade surda e seus desafios: qual pode ser a contribuição do empreendedorismo social? *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL, 3., 2018, Fortaleza. **Anais** [...], Fortaleza: ENACTUS, 2018. p. 1-5. Disponível em: <http://brazil.enactusglobal.org/wp-content/uploads/sites/2/2018/11/A-comunidade-surda-e-o-empendedorismo-social-94684.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022